

***Post-Scriptum* para a CARTA DE SALVADOR**

O Colegiado da Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Bahia reuniu-se para uma detida apreciação do documento que lhe foi enviado pela Presidência da ANPPOM e da Nova Tabela das Áreas do Conhecimento. Reconhece que grandes avanços ocorreram.

A Carta de Salvador resultou de encontros interdisciplinares dos diversos setores das artes na Universidade Federal da Bahia, com a inestimável colaboração de nossos representantes no CNPq, professores Maurício Alves Loureiro (UFMG) e Maria Lúcia Bastos Kern (PUC/RS).

A Carta foi apresentada sucessivamente ao Fórum de Coordenadores de Cursos de Pós-graduação que precedeu no Rio de Janeiro ao XV Congresso da ANPPOM, este realizado entre 18 e 22 de julho de 2005. Foi discutida então, em Mesa Redonda, pelos participantes do Congresso, dia 20, antes da Assembléia Geral Ordinária. Bem acolhida, e aprovada em seus termos gerais, ficou em aberto a necessidade de discussões pelos membros da comunidade no sentido de aperfeiçoá-la, o que ocorreu com vigor.

O sucesso que se obteve, de fácil, é inegável: música a ser considerada como área; Dança em seus vários aspectos, reconhecida pela primeira vez como área nas agências de fomento à pesquisa e formação de pessoal; Teatro e Artes Visuais também inegavelmente bem-sucedidos. Música, ao contrário do que se esperava, não cresceu ou até mesmo regrediu, predominantemente na versão proposta pela ANPPOM, vez que a versão da Tabela de Áreas do Conhecimento é consideravelmente melhor.

Interveio uma proposta sedutora e inteligente de Carlos Kater, logo apoiada, mas que frontalmente desrespeita a história e o caráter das disciplinas, de modo para nós inadmissível.

O equívoco maior ocorre com a exclusão de Teoria da Música e sua inclusão no bojo das Musicologias, na proposta da ANPPOM. Têm pouco em comum. Teoria da Música, milenar, é entendida hoje predominantemente como o estudo da estrutura de música e de como esta estrutura funciona. Seus aspectos principais são relacionados à Teoria Composicional e à Teoria Analítica. Já as Musicologias, termo recente, cunhado em torno de 1919, correspondem às ciências musicais (*Musikwissenschaft*) e têm hoje um sentido muito mais restrito tratando essencialmente do factual, do documentado, do verificável, do analisável e positivístico (Cf. Kerman 1985, 12).

A Tabela de Áreas do Conhecimento, felizmente, mantém a distinção, mas suprime os principais ramos da Musicologia que já não podem ser aglutinados. Assim sendo, mantemos também a proposta da Carta em que se distinguem pelos objetos e metodologias a Musicologia Histórica, a Etnomusicologia e a Musicologia Sistemática.

Mantidas as três orientações, o reclamo para a inclusão de Psicologia da Música se insere na Musicologia Sistemática, assim como a Estética Musical e a Sociologia da Música.

Não vemos virtude, tampouco, em rebatizar termos consagrados como ocorre com Composição, aí inclusa a Improvisação (aliás, inseparavelmente) e Multimídia.

O debate em torno da designação Práticas Interpretativas também não chegou a termo. Ora, quando da criação da ANPPOM, usamos a designação “Práticas Interpretativas”, campo da Musicologia Histórica, para sinalizar de que se tratava de uma abordagem científica da execução, não a própria execução em seu sentido virtuosístico. O *Aufführungspraxis* destina-se à complementação de informações não supridas pelo registro escrito, particularmente quando a tradição interpretativa se rompeu. Tinha como limite superior a obra de Bach. Hoje, o domínio das Práticas Interpretativas se expandiu por causa de atitudes amplamente divergentes de compositores para com a natureza da obra musical e sua execução, demandando conhecimentos de estilos e técnicas de execução apropriadas, transmitidas também oralmente, até mesmo para obras seriais detalhadamente anotadas. Mantenha-se, portanto, a designação consagrada de uma disciplina que provavelmente se aplica menos à composição eletroacústica, que modifica o conceito de intérprete.

O termo “Sonologia” não está dicionarizado. O exemplo de adoção do termo nos veio de uma correspondência de Carlos Palombini em que constata o termo como nome de um curso da Escola Superior de Música da Catalunha em Barcelona. Seria, entre eles, a disciplina que trata do projeto de construção de artefatos sonoros; da engenharia do som; da representação sonora e musical do reconhecimento, por parte dos humanos e de sistemas artificiais, de guias, estruturas e conteúdos sonoros e musicais; da definição, elaboração e controle de sistemas musicais interativos; e da formulação de modelos de execução (performance) de condutas musicais. A disciplina tem ares de um saco de gatos: organologia (incluindo construção de instrumentos), acústica, cibernética, computação aplicada à música, psicologia da música, engenharia do som, entre outros.

Reiteramos, portanto, nossa proposta das seguintes sub-áreas:

1. MUSICOLOGIA HISTÓRICA
2. MUSICOLOGIA SISTEMÁTICA
3. ETNOMUSICOLOGIA
4. TEORIA DA MÚSICA
5. COMPOSIÇÃO
6. COMPUTAÇÃO APLICADA À MÚSICA
7. PRÁTICAS INTERPRETATIVAS
8. EDUCAÇÃO MUSICAL
9. MUSICOTERAPIA
10. SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA MUSICAIS
11. ACÚSTICA DOS AMBIENTES, INSTRUMENTOS MUSICAIS
& ORGANOLOGIA

E sugerimos que sejam contempladas as seguintes especialidades:

Acústica
Análise Musical
Antropologia da Música
Apreciação Musical
Arquivologia e Biblioteconomia Musical
Arranjo
Canto
Composição Musical
Editoração Musical
Educação Musical
Estética Musical
Etnomusicologia
Improvisação
Instrumentação Musical
Instrumento
Luteria
Multimeios
Música e Saúde
Música Eletrônica e Eletroacústica
Musicologia Histórica
Musicologia Sistemática
Musicoterapia

Ópera
Organologia
Pedagogia Musical
Percepção Musical
Psicologia da Música
Regência
Semiologia e Semiótica Musicais
Sociologia da Música
Sound Design
Teoria da Música

Salvador, 26 de outubro de 2005.

Assinam:

Diana Santiago da Fonseca,
Coordenadora do Colegiado do PPGMUS/UFBA

Lucas Robatto,
Vice-coordenador do Colegiado do PPGMUS/UFBA

Outros professores do PPGMUS/UFBA:

Alda Oliveira
Ana Cristina Tourinho
Ângela Lühning
Erick Vasconcelos
Heinz Schwebel
Jamary Oliveira
Joel Barbosa
Luiz César Magalhães
Manuel Vicente Ribeiro Veiga Jr.
Mário Ulloa
Pablo Sotuyo Blanco
Paulo Costa Lima
Pedro Kröger
Pedro Robatto
Ricardo Bordini
Sônia Maria Chada
Wellington Gomes